

# Antropologia e educação em Rousseau: elemento para a docência

*Marinei Gaston Silva*<sup>1</sup>

## Resumo

Esta comunicação apresenta os resultados da pesquisa que trata do seguinte problema: como seria aplicar a educação conforme a percepção que Rousseau sobre homem e sociedade? O presente trabalho tem como objetivo mostrar aspectos dessa pesquisa, a partir dos seguintes pontos: Jean-Jacques Rousseau, em elementos de sua biografia; a concepção antropológica roussoniana, que é analisada no contraponto entre homem da natureza, que tem o controle absoluto de suas ações, e homem social, que tem muitos vícios oriundos da sociedade, que são adornados pela luxúria; e, por fim, os princípios de educação expressos no livro *Emílio*: ou da educação. Desta obra, a abordagem que trazemos procura descrever elementos de ordem antropológico-educacional, investigando aspectos interrelacionados, a saber: como o professor deve se posicionar em frente ao ensino e qual é a ajuda que o aluno deve receber para raciocinar sobre os conhecimentos e apreendê-los. Como exemplo do método preconizado por Rousseau para a educação, destacamos sua crítica à literatura de La Fontaine, acusada por Rousseau de ser artificial e contrária à natureza. A conclusão da pesquisa permite afirmar que a concepção educacional de Rousseau tem em mira formar uma espécie de homem da natureza, simbolizado no personagem Emílio, mas que seja capaz de viver em sociedade. Observamos ainda que sua metodologia educacional é chamada de educação negativa, pois consiste menos em ensinar o que é certo e mais em evitar que o aluno aprenda o que é errado. Por fim, entende Rousseau que o aluno deve aprender sem se moldar às fórmulas já prontas, a fim de que consiga desenvolver habilidades físicas emocionais. Todas as abordagens de Rousseau, analisadas nesta comunicação, têm sentidos que contribuem para a reflexão docente.

**Palavras-chave:** antropologia; educação; filosofia; literatura infantil.

---

<sup>1</sup> Acadêmica do curso de Pedagogia da Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR/campus de Vilhena.

## **Anthropology and education in Rousseau: element for teaching**

### **Abstract**

This communication presents the results of the research that deals with the following problem: how would it be to apply education according to Rousseau's perception of man and society? The present work aims to show aspects of this research, from the following points: Jean-Jacques Rousseau, in elements of his biography; the Anthropological Conception of Roussonian, which is analyzed in the counterpoint between man of nature, who has absolute control of his actions, and social man, who has many vices derived from society, which are adorned by lust; and, finally, the principles of education expressed in the book *Emilio*: or education. From this work, the approach we bring seeks to describe elements of an anthropological-educational order, investigating interrelated aspects, namely: how the teacher should position himself in front of teaching and what is the help that the student should receive for reason about knowledge and seize it. As an example of Rousseau's method for education, we highlight his criticism of La Fontaine's literature, accused by Rousseau of being artificial and contrary to nature. The conclusion of the research allows us to affirm that Rousseau's educational conception aims to form a kind of man of nature, symbolized in the character Emilio, but who is able to live in society. We also observed that its educational methodology is called negative education, because it consists less in teaching what is right and more about preventing the student from learning what is wrong. Finally, Rousseau understands that the student must learn without shaping himself to the ready-made formulas, so that he can develop emotional physical skills. All of Rousseau's approaches, analyzed in this communication, have meanings that contribute to the teaching reflection.

**Keywords:** anthropology; education; philosophy; children's literature.

## 1 Rousseau: pequena nota biográfica

Jean-Jacques Rousseau nasceu em 28 de junho de 1712, em Genebra. De sua existência, sabemos alguns detalhes que ele próprio contou na obra *Confissões*. Podemos dizer, inicialmente, que, como pessoa, tinha uma profunda dor na alma por ter perdido sua mãe dez dias após seu nascimento, em decorrência do parto. Ele foi criado por seu pai, uma tia e uma babá. Por isso, a influência que obteve no começo de sua vida era principalmente feminina, por passar mais tempo com as mulheres de sua família, escutando e observando detalhes das conversas diárias das mesmas.

O pai de Rousseau era relojoeiro, e, segundo Rousseau, amava a cidade de Genebra, onde vivia com sua família. Certo dia ele se envolveu em uma discussão, e desafiou o oponente para um duelo, porém esse não aceitou, alegando ser de origem social inferior. Contudo, o pai de Rousseau não aceitou a recusa e feriu o homem. A consequência disso é que o senhor Isaac Rousseau teve que fugir. Esse episódio levou Jean-Jacques Rousseau a ter que morar com outros parentes nos arredores de Genebra (STRATHERN, 2004).

Dos vários episódios da vida de Rousseau, cabe destacar, para este trabalho, seu casamento com Terésè Lavoiseur, do qual foram gerados cinco filhos (ROUSSEAU, 2018), todos colocados na *roda dos expostos*. Esse fato tem consequências na construção da obra *Emílio: ou Da educação*, como veremos a seguir.

## 2 A obra de educação de Rousseau

Sobre a obra *Emílio: ou Da educação*, Rousseau a escreveu imaginando qual seria o melhor modo de educar uma criança. A

inspiração para a escrita de *Emílio* poderia ter vindo do abandono que Rousseau fez dos filhos, como ele próprio insinua:

A decisão que eu tomara com relação aos meus filhos, por mais racional que me tivesse parecido, nem sempre me deixava de coração tranquilo. Ao meditar sobre o meu Tratado da educação, senti que tinha negligenciado deveres de que ninguém me podia dispensar. (LAUNAY, 2004, p. IX)

Seja qual for o motivo que levou à feitura do livro, o fato é que a personagem principal da obra *Emílio* é um aluno que tem Rousseau como preceptor, o qual está sempre pensando no melhor jeito de ensinar Emílio, sem que obrigue esse aluno a fazer coisas artificiais. Ou seja, para Rousseau, o ensino deve ser baseado na natureza e, como tal, aprender exige do professor espontaneidade de método.

Rousseau, como preceptor, instiga o Emílio a pensar, fazendo perguntas e refletindo sobre os assuntos, de modo a conduzir o aluno a apreender o conhecimento de modo espontâneo. Ao longo do percurso do ensino, que vai do nascimento até a adolescência, Rousseau aborda inúmeras questões. Essas questões são relacionadas tanto ao cuidado do bebê, quanto, por exemplo, sobre a alimentação e o uso das roupas, chegando a aspectos de ordem psicológica, da qual deriva o trato que o preceptor deve ter com as crianças.

Noutro momento do livro, Rousseau apresenta sua personagem já entrando na adolescência. Como Emílio cresceu e chegou aos 12 anos, precisa aprender a ler. Como se dará esse aprendizado? Emílio só deve aprender a ler quando sentir necessidade de ler. Isso pode se dar, por exemplo, ao receber uma carta de algum parente querido. Nesse caso, Rousseau “não teria tempo” para ler a carta naquele momento, aguçando o desejo do Emílio para a leitura (ROUSSEAU, 2004). Essa é uma das formas que Rousseau entende ser a melhor para seu aluno. Porém, convém não esquecer que o aluno Emílio é sempre manobrado

por Rousseau, embora nunca forçado a nada. Emílio raciocina com seu preceptor e sempre faz o que é melhor para si, mas sempre coincidindo com o que Rousseau quer que ele fizesse.

Com esses pensamentos, de que o professor não deve obrigar a criança a fazer o que não quer, Rousseau fala também sobre aos pais que devem fazer os seus filhos aprenderem um ofício para serem reconhecidos na sociedade, contudo, sem forçar os filhos a seguirem a vontade autoritária dos progenitores. Para Rousseau, isso é um erro, pois nesse caso o pai não pensa no que realmente o filho gostaria de fazer em sua vida. Esse *fazer* pode ser um sonho ou um talento inato, e é este talento que deve se desenvolver como ofício pela pessoa. É por isso que o desenvolvimento educacional que Rousseau trabalha com Emílio não é uma obrigação, é, antes, visando à satisfação deste. Sobre o pai que decide pelo filho, diz Rousseau:

Esses pais previdente acreditam fazer muito: nada fazem, pois, o recurso que acreditam poupar para seus filhos dependem dessa mesma fortuna acima da qual querem colocá-lo. Assim, como todos esses belos talentos, se aquele que os possuir não se achar em circunstância favoráveis para emprega-los, morrerá como se não tivesse nenhum. (ROUSSEAU, 2004, p. 263).

Mas educar implica ter certos objetivos. Para Rousseau, seu aluno deverá ser preparado para viver em sociedade. Porém, Emílio viveria em uma sociedade, mas não se moldaria às deformidades desta. Dentro dos objetivos educacionais visados por Rousseau, Emílio iria aprender qualquer coisa que ele precisasse, mas não seria obrigado a fazer o que não quisesse.

Sobre a sociedade pensada pelo filósofo, Emílio seria preparado para ser uma pessoa vivendo autenticamente nela, ou seja, não usando as máscaras do convívio social. O problema de uma educação com esse objetivo é que, então, Emílio correria o risco de ser tomado como uma pessoa tão diferente que acabaria por ser vista como um desfigurado.

Em outras palavras, seria uma pessoa sem os vícios que a sociedade costuma formar nas pessoas, mas teria que conviver com pessoas acostumadas a mentir e a ludibriar. Num paralelo entre o estado de natureza e o estado social, Rousseau critica as relações na sociedade:

Como seria doce viver entre nós, se a contenção exterior sempre representasse a imagem dos estados do coração, se a decência fosse a virtude, se as máximas nos servissem de regra, se a verdadeira filosofia fosse inseparável do título de filósofos. (ROUSSEAU, 1997, p. 191).

Por isso tudo, a personagem Emílio é uma espécie de homem da natureza vivendo em sociedade. Ora, o homem da natureza é descrito por Rousseau como uma pessoa simples, segura de si, que está mais perto de sua natureza. Por isso, Rousseau crê que o homem da natureza é feliz e, na sua simplicidade de existir, consegue ver as outras pessoas com amor e enxergar as coisas boas que elas têm. Isso do ponto de vista moral. Do ponto de vista físico, o homem da natureza é capaz de usar a seu favor os recursos que a natureza lhe dá, tais como a percepção, tão aguçada a ponto de lhe desenvolver a antecipação de problemas, apenas e tão só no ato de observar a natureza das coisas. Esse sentido aguçado que lhe permite perceber as coisas pode até salvar a sua vida (ROUSSEAU, 1997). Ouvir melhor, ver melhor do que o homem da sociedade são capacidades a serem desenvolvidas no Emílio também.

A educação desse ser humano é aprimorada à sua natureza. O que vai determinar se ele vai ser uma pessoa de boa índole ou não é o amor pelas coisas naturais. Entre os sentimentos, o amor próprio é parte principal do estado de natureza, afinal, toda pessoa já nasce com o instinto de sobrevivência e de amor por si mesma. Ora, o que vai determinar se o aluno vai ser uma pessoa boa é o tratamento desenvolvido com ele. Isso significa dizer, por exemplo, que se for

maltratado quando criança, isso comprometerá todo o seu amor próprio, e outro sentimento pode arraigar-se dentro de seu coração.

O homem da natureza não tem os vícios impostos pela sociedade, por isso, segundo Rousseau (2004), o homem da natureza não fica doente da alma, e se conhece na sua plenitude. Do ponto de vista psíquico, o homem da natureza tem contato direto com sua consciência, tem o livre acesso a seu interior, tem o controle absoluto de suas ações. O homem da natureza, hoje, seria um sonhador indomável, não permitindo que outras pessoas moldem o seu objetivo de vida. A julgar pelo que Rousseau afirma, o homem natural seria uma pessoa iluminada, com a sensibilidade aflorada por ver o mundo com toda a possibilidade, e apta a alcançar o seu sonho, com nada atrapalhando seu caminho. Esse seria o homem da natureza vivendo hoje em sociedade.

Todo homem quer ser feliz. Para chegar a sê-lo, porém seria preciso começar por saber o que é a felicidade. A felicidade do homem natural é tão simples quanto a sua vida, e consiste e não sofrer; a saúde, a liberdade e o necessário a constituem. A felicidade do homem moral é outra coisa, mas não é dele que estamos tratando aqui. Nunca será demais repetir que apenas os objetos puramente físicos podem interessar as crianças, principalmente aquelas cujo vaidade não foi despertada e que não foram corrompidas antecipadamente pelo veneno da opinião. (ROUSSEAU, 2004, p. 232)

Se o homem a ser formado deve ter os moldes do homem natural, vejamos, agora, como seria o homem social. Bem, este é o inverso do homem da natureza. É centrado em tudo para si, tem muitos vícios da sociedade e é adornado por luxúria. A pior coisa dessa pessoa é não cultivar o sentimento de amor próprio, e passar por cima de qualquer sentimento para obter benefício para si. Não tem compaixão para com as outras pessoas, vendo-as como objetos. Nesse sentido, o homem social, muitas vezes, é doente da alma, tendo dificuldade com o extinto natural. Ele tem uma barreira dentro de si que não o deixa acessar seu

instinto natural, e isso acarreta um sentimento de vazio. O homem social é uma pessoa capaz de ver o perigo como seu aliado, no sentido de arriscar-se ante o perigo, vendo nele uma oportunidade de sucesso. Os vícios o cegam a ponto de não ter defesas contra a maldade que poderá vir sobre ele. Se para o homem natural a dor é sentimento, que pode transformar as pessoas, para o homem social a dor é sua inimiga (ROUSSEAU, 2004). O homem social gosta da coisa no imediato da hora, não tendo paciência para obter as coisas de modo perseverante. Sua ansiedade faz com que sua cabeça trabalhe contra ele, por isso, segundo Rousseau, seus pensamentos são perturbados por ser uma pessoa mais centrada no ter do que no ser.

A falta da gratidão é um sentimento que mata a alma e engessa o coração, e isso passa a ser uma lei para esse tipo de pessoa que é deformada pelos vícios da sociedade. A manipulação é parte da natureza do homem social. A falta de conhecimento da desigualdade natural e a aceitação da diferença como parte da natureza são os causadores dos problemas da humanidade. Se a crítica à sociedade levou Rousseau a criar um aluno imaginário que fosse diferente do homem social, resta saber como educar Emilio para que viva em sociedade, e não seja moldado pelos erros dela.

Para Rousseau, o preceptor não deve usar sua autoridade para obrigar o aluno a aprender alguma coisa, o aluno só vai aprender se ele quiser. Forçar o aluno a aprender implica saber que esse esforço será tedioso e, com isso, o tempo que o professor passa ensinando será perdido, por que não haverá a assimilação do conhecimento pelo aluno.

Esse jeito que Rousseau usa com Emílio é muito bom e faz com que o aluno raciocine sem muito esforço. O método utilizado por Rousseau é o de perguntas e questionamentos sobre determinado objeto, fazendo o aluno raciocinar até chegar em uma conclusão que seja proveitosa para aquele conhecimento. Em outras palavras, até chegar ao objetivo final que é o conhecimento sobre um determinado objeto.



Para Rousseau, o preceptor é visto como mediador do conhecimento, e pode ensinar o aluno a se posicionar na sociedade como conhecedor de seu direito. Nessa perspectiva educacional, o professor é um influenciador de pessoas em geral e por isso não deve formar uma ideia e a repassar como verdade para os alunos. Repassar a verdade é um modo de agir sobre o conhecido como manipulação.

O professor deve ficar atento e observar o aluno para saber qual é sua habilidade principal que poderá ser desenvolvida, mas as outras competências também devem ser trabalhadas.

Uma pessoa que decide ser professor deve ter certeza que é isso mesmo que quer ser, porque, se for assim, será responsável pela formação e educação de várias pessoas. Por outro lado, terá culpa se assim não o fizer. A função de professor é tão importante quanto a de ser pai, mesmo porque, para Rousseau, na falta de um pai, o professor deve orientar seu aluno. Para Rousseau, o preceptor é o verdadeiro pai, porém a tarefa será dupla e não tripla como a do pai biológico. A primeira tarefa do preceptor é ensinar a educação formal, para, através desse ensino, o aluno saber o seu lugar na sociedade, saber que deve ser um habitante do mundo, e reconhecer a sua função como pessoa. Quem quer ser professor tem que ter a clara visão dessa responsabilidade (ROUSSEAU, 2004).

Para Rousseau, a formação de professor é essencial para ser um bom educador. Sem conhecimento prévio da educação formal, o professor não poderá incentivar seu aluno para o conhecimento. Para podermos ensinar, primeiro temos que ter o conhecimento referido ao ensino, pensando nisso podemos questionar: como uma pessoa poderá dar o que não tem?

Sobre o conteúdo, este não pode ficar preso a uma fórmula. O aluno deve ter várias possibilidades de chegar ao conhecimento, mesmo que esse seja específico sobre um objeto ou um problema, pois ter liberdade mental é o melhor jeito do aluno se interessar pelo conhecimento de

determinado conteúdo, sempre visando chegar no objetivo final que é a aprendizagem. Essas várias possibilidades de investigação propostas por Rousseau implicam no reconhecimento de que a imaginação faz parte do aprendizado, e esta se desenvolve melhor em um ambiente rico de possibilidades.

O professor não deve moldar o pensamento do aluno, porque, se assim o fizer, o pensamento da criança vai ficar restrito. Com isso, o conhecimento do aluno não evolui e o que for ensinado não será assimilado. Nesse caso, o aluno pode pensar que aprendeu o conteúdo, mas talvez só esteja reproduzindo o que foi repassado pelo professor. Como consequência, o aluno ficará decepcionado com o ensino, e na hora que precisar e não conseguir resolver uma questão, pensará que o ensino estruturado não é para ele.

Para Rousseau, o preceptor mata a capacidade de pensar e a criatividade da criança, e a própria imaginação do aluno, através de reprodução memorizada. Por isso, segundo o filósofo, o professor deve fazer a criança raciocinar e usar a imaginação na hora em que for ensinar fórmulas ou regras. A sugestão de Rousseau para que isso possa ser feito é valer-se da natureza, num duplo sentido: como inspiração e como objeto do conhecimento. Quando o aluno tem dificuldade na assimilação do conteúdo por falta de compreensão na explicação do professor, não se pode culpá-lo, como se depreende do trecho abaixo:

Eu disse que a geometria não estava ao alcance da criança, mas é culpa nossa. Não percebemos que o método da criança não é o nosso e o que para nós é arte de raciocinar deve ser para elas apenas a arte de ver. [...] Quando a proposição é enunciada, é preciso imaginar a sua demonstração, isto é, descobrir de que proposição já conhecida a outra deve ser consequência e, de que todas as consequências que podem ser tiradas dessa proposição, escolher exatamente aquela de que se trata. (ROUSSEAU, 2004, p. 181)

Para Rousseau, conforme lemos em *Emílio*, pode-se dizer que o ensino para uma criança não pode ser só por explicação por palavras, meramente expositivo. O preceptor pode falar, mas também deve ilustrar o conhecimento através de atividades. Para o aluno aprender verdadeiramente, deve ser de modo que haja interação com o objeto ou com a natureza, lembrando sempre que Rousseau pensa na educação como forma de educar o homem para viver em sociedade e para o desenvolvimento da habilidade de reconhecer o seu lugar no mundo. Por isso ele afirma: “Não gosto da explicação em forma de discurso. Os jovens prestam pouca atenção nelas e não as retêm” (ROUSSEAU, 2004, p. 236).

### **3 A crítica de Rousseau às fábulas**

Rousseau faz crítica a certo tipo de literatura, a fábula. Para as demonstrações de sua crítica, ele escolhe uma peça da coletânea de La Fontaine. Ele diz que esse tipo de literatura não é uma boa literatura para uma criança ler, pelo motivo de que a fábula trabalha com reforço negativo no desenvolvimento emocional da criança, e trabalha com pensamento distorcido da realidade. Ele também faz crítica ao modo como a palavra está fora do seu contexto natural. Se a criança precisa aprender a falar, que aprenda o jeito certo e claro, para seu próprio benefício. Transcrevemos abaixo a fábula de La Fontaine, citada na obra educacional de Rousseau.

O CORVO E A RAPOSA

FÁBULA

*Mestre corvo numa árvore empoleirado*

*Mestre!* Que significa esta palavra em si? Que significa diante de um nome próprio? Que sentido tem nesta oportunidade?

Que quer dizer um corvo?

Que é numa árvore empoleirado? Não se diz numa árvore empoleirado, diz-se empoleirado numa árvore. Por conseguinte, cumpre falar das inversões da poesia; é preciso dizer o que é prosa e o que é verso.

*Tinha no bico um queijo*

Que queijo? Da Suíça, de Brie ou da Holanda? Se a criança nunca viu corvos, que adianta falar-lhe deles? Se viu, como poderá imaginá-los com um queijo no bico? Façamos sempre imagens segundo a natureza.

*Mestre raposa pelo cheiro embaida*

Mais um mestre! Mas para este com razão: é mestre diplomado nas pelóticas de seu ofício. É preciso dizer o que seja uma raposa, e distinguir sua verdade do caráter convencional que tem nas fábulas.

*Embaida*. A palavra não é empregada comumente. Cumpre explicá-la; é preciso dizer que não se usa senão em verso. A criança perguntará porque se fala em verso diferentemente do que em prosa. Que lhe respondereis? *Embaida pelo cheiro de um queijo!* Esse queijo, seguro por um corvo empoleirado numa árvore, devia ter muito cheiro para ser sentido por unia raposa em sua moita ou em seu covil. É assim que exercitais vosso aluno no espírito da crítica judiciosa que não se deixa impressionar senão com razão e sabe discernir a verdade da mentira nas narrativas dos outros?

*Mais ou menos assim lhe falou*

Falou? Então as raposas falam? E falam a mesma língua que os corvos? Prudente preceptor, toma cuidado; pesa bem tua resposta antes de dá-la; tem mais importância do que imaginas.

*Eh, bom dia, senhor corvo!*

Senhor! Título que a criança vê ridicularizar antes mesmo de saber o que seja um título honorífico. Os que dizem *Senhor "de"* Corvo muito terão que penar antes de explicar o de

*Como sois bonito! Como me pareceis belo!*

Redundância inútil! A criança vendo repetir a mesma coisa em outros termos aprende a falar relaxadamente. Se disserdes que essa redundância é uma solução artística do autor, que ela está na intenção da raposa que quer parecer multiplicar os elogios com palavras, a *desculpa será boa para mim, não para meu aluno*.

*Sem mentir, se vosso gorjeio*

*Sem mentir!* Mente-se então às vezes? Em que pé ficará a criança se lhe explicardes que a raposa diz sem mentir exatamente porque mente?

*Correspondesse a vossa plumagem*

*Correspondesse!* Que significa esta palavra? Ensinai a criança a comparar qualidades tão diferentes quanto a voz e a plumagem; vereis como vos compreenderá.

*Serieis a fênix dos hóspedes deste bosque*

*A fênix!* Que é uma fênix? Eis-nos subitamente jogados na mentirosa antiguidade, quase na mitologia.

*Os hóspedes deste bosque!* Que discurso imaginoso! O lisonjeador enobrece sua linguagem e dá-lhe mais dignidade para torná-la mais sedutora. Uma criança compreenderá tal requinte? Sabe ela, pode ela saber o que é um estilo nobre e um estilo vulgar?

*Ante tais palavras, o corvo não cabe mais em si de alegria*

É preciso ter tido muitas paixões e muito vivas para sentir esta expressão proverbial.

*E para mostrar sua bela voz*

Não vos esqueçais de que, para entender este verso e toda a fábula, a criança deve saber o que seja a bela voz do corvo.

*Abre um largo bico e deixa cair sua presa*

O verso é admirável. A simples harmonia faz a imagem. Vejo um grande e feio bico aberto; ouço o queijo cair através dos galhos; mas esses tipos de beleza são perdidos para as crianças.

*Pega-o a raposa e diz: Meu bom senhor*

Eis a bondade transformada em tolice. Por certo não se perde tempo para instruir as crianças.

*Aprendei que todo adulador*

Máxima geral; não se entende mais.

*Vive a expensas de quem o escuta*

Nunca uma criança de dez anos poderá compreender este verso.

*Esta lição vale bem um queijo, sem dúvida.*

Isto se entende e o pensamento é muito bom. Contudo ainda haverá poucas crianças que saibam comparar uma lição com um queijo e que não prefiram o queijo à lição. É preciso, portanto, fazer com que compreendam que a frase não passa de uma zombaria. É sutileza demais para crianças!

*O corvo, envergonhado e confuso,*

Outro pleonasma; mas este indesculpável.

*Jurou, um pouco tarde, que noutra não cairia.*

*Jurou!* Que tolo mestre ousaria explicar a uma criança o que seja um juramento?

(ROUSSEAU, 1979, p. 84-3)

Observemos e comentemos algumas críticas de Rousseau a essa fábula, colhidas na obra *Emílio: ou da educação* (2004, p. 129-136).

Rousseau fala que as palavras no texto da fábula são redundantes. As crianças podem adquirir o mal hábito de reproduzir isso em sua fala cotidiana, por exemplo, quando elas fossem narrar um fato, teriam dificuldade de chegar na conclusão de sua história. Hoje há pessoas com esse problema de interpolação na fala. Isso é um vício que a sociedade incorpora nas crianças desde cedo, e que, a nosso ver, tem que ser combatido pelo professor.

Quando a raposa fala para o corvo *sem mentir*, é uma mal exemplo para a criança, pois ela pode entender que pode usar esse artifício de manipular as pessoas para seu proveito egoísta. Esse vício, o do egoísmo, deve ser combatido, bem como o deslumbre que algumas outras pessoas possam provocar por meio da lisonja. Para Rousseau, esses são vícios do homem social.

Rousseau não concorda de usar nomes de animais desconhecidos quando for trabalhar com uma criança, porque, pelo fato de a criança não conhecer o animal, ficará com muita dúvida. Por outro lado, deve se usar animais ou objetos do conhecimento nos moldes da natureza, concretamente, para que não haja uma discrepância entre a imaginação da criança e o animal ou objeto, para que ela os veja na forma real do ser.

Rousseau põe em dúvida a compreensão do requinte do estilo da fala na fábula, no sentido de *nobreza do falar*. Para ele, a criança tem potencial de aprender a usar a fala do jeito nobre desde muito cedo. O uso da fala correta é o certo a ser ensinado às crianças, para que mais tarde não tenham dificuldade de usar a forma culta da língua. Porém, na idade em que as crianças entram em contato com as fábulas, a idade de 10 anos, na perspectiva de Rousseau, este observa que talvez a criança não entenderia a estrutura gramatical por completo. Mesmo assim, porém, se beneficiaria da desenvoltura da fala.

Para Rousseau, ter harmonia na descrição da imagem é essencial para a aprendizagem da criança. O problema é que desenvolver a imaginação de uma criança deve ser por meio da contemplação do que é belo. Então, para ele, é estranho uma pessoa ficar descrevendo uma imagem que não é glamourosa, pois esse tipo de beleza será perdida se trabalhada assim com as crianças. A beleza está na natureza, o glamour está na vida social. Rousseau prefere a primeira, como afirma: “tudo está bem quando sai das mãos do Autor das coisas, tudo degenera entre as mãos do homem” (ROUSSEAU, 2004, p. 7).

Talvez possamos atenuar a crítica de Rousseau quanto à má influência do irreal na fábula. Esta realmente trabalha o imaginário da criança, mas ela vai poder tirar as suas próprias conclusões. Em geral, as crianças já tiveram contato com animais em algum momento de suas vidas, então elas fariam as devidas comparações, e teriam certeza de que os animais não falam. Porém, nas fábulas que trabalham com o imaginário, os animais podem falar. Com isso, as crianças vão ver as contradições que existem entre o mundo real, o que nós vivemos, e o mundo imaginário.

No dia atuais, parece ser válido que os professores trabalhem com as fábulas, com o imaginário, com a contemplação do belo, e mesmo das coisas que não são belas. Com isso, se recupera a habilidade que muitas pessoas perderam, que é perceber a sequência lógica nas descrições dos fatos em um texto, já que, mesmo entre adultos, muitos não conseguem descrever os acontecimentos em sua ordem cronológica. De todo modo, apesar dessas assinalações críticas, é preciso reconhecer o trabalho de Rousseau sobre a educação no contexto de seu sistema filosófico, e dentro desse sistema a crítica às fábulas faz todo sentido.

## 4 Considerações finais

Conforme visto neste artigo, essa seria a melhor forma de ensinar, conforme o entendimento de Rousseau sobre a educação, aplicada ao homem da natureza e ao homem social, e como esta educação formaria o caráter de um homem pleno em suas ações, conforme o método da natureza.

Para Rousseau, no tocante ao problema gerado na formação de uma pessoa, ele responde que o ensino pela educação negativa do homem social deve ser evitado, para que a criança não aprenda os vícios da sociedade. Nesse sentido, sua crítica às fábulas é pertinente sob vários aspectos.

Por Rousseau analisar muitos pontos a respeito do ensino e da formação do indivíduo, podemos afirmar que o professor é responsável pelo posicionamento da pessoa na sociedade. A percepção de Rousseau sobre o trabalho do professor, e como deve ser o ensino com o seu aluno, reforça o entendimento do papel de ambos como pessoas que são parte da sociedade.

Para Rousseau, a coletânea de La Fontaine age como educação não apropriada na formação de seu aluno, por isso ele faz uma crítica direta à fábula *O Corvo e a raposa*. Para Rousseau, essa fábula trabalha diretamente para a educação do homem social. Mas noutra perspectiva, que não a de Rousseau, a fábula pode ser usada na educação, ou seja, ela é válida, pois trabalha a habilidade de organizar as descrições de fatos pelo ato de imaginar. Imaginação que é importante na formação do aluno.



## Referências

LAUNAY, Michel. Introdução. In. ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Emílio: ou da educação*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Confissões*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

\_\_\_\_\_. *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*. São Paulo: Nova Cultural, 1997. p. 217-289.

\_\_\_\_\_. *Discurso sobre as ciências e as artes*. São Paulo: Nova Cultural, 1997. p. 167-185.

\_\_\_\_\_. *Emílio: ou da educação*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

\_\_\_\_\_. *Emílio: ou da educação*. São Paulo: DIFEL, 1979.